



IMPrensa
OFICIAL/ES

DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano III - nº 23
Vitória-ES
Agosto de 2014
Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



FILATELIA

Colecionando cultura

Página 4

MENU

Erlon José Paschoal
erlonpaschoal@uol.com.br



Erlon José Paschoal
Diretor Geral da FAMES

No final de agosto, a Record News ES em parceria com a Findes organizou o primeiro Painel Inovar tendo como foco principal a inovação e as relações contemporâneas entre criatividade e economia, do qual tive o prazer de participar.

Ao abordar este tema ressaltai que a Economia Criativa, definida como um conjunto de atividades econômicas baseadas no conhecimento, que fazem uso intensivo do talento criativo, incorporando técnicas e/ou tecnologias e agregando valor ao capital intelectual e cultural, ganhou no Espírito Santo nos últimos tempos uma dimensão cultural e política destacada. Transformar criatividade em inovação e em valor agregado é uma das principais características de nosso tempo e sabemos também que fazer deste processo algo significativo no desenvolvimento socioeconômico de nosso Estado necessita de incentivos, através de políticas públicas e de investimentos do setor privado. Os frutos da criatividade neste viés econômico dependem, portanto, de capacitação e de preparo adequado das pessoas e grupos envolvidos, para que possam se inserir profissionalmente neste novo processo de desenvolvimento.

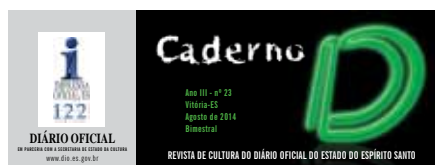
No mundo atual, a cultura e a criatividade passaram a desempenhar um papel fundamental na busca de novas formas de desenvolvimento e de geração de trabalho e renda. Não só atividades como o turismo, que tem nas atividades culturais, no patrimônio arquitetônico e natural, a sua fonte maior de atração, mas setores como a produção de móveis e a moda, por exemplo, que têm na capacidade criativa e na inovação o seu maior valor agregado, buscam investir na capacitação de mão de obra especializada preparada para concorrer em um

mercado cada vez mais competitivo.

Ao final reiterarei que o Espírito Santo é um Estado pequeno com um enorme potencial de utilização criativa de seus recursos humanos, históricos e naturais. Sua vocação para a prestação de serviços e a inovação necessita apenas de políticas objetivas de capacitação, de organização de ações coordenadas e de levantamento de informações para fundamentá-las. A Economia Criativa está intimamente ligada à noção de mercado e de empreendedorismo, mas pressupõe um novo modelo de desenvolvimento econômico com uma distribuição de renda mais igualitária e novas formas de relação de trabalho. Os potenciais do Espírito Santo nesta área são evidentes: uma economia sólida, embora apoiada, sobretudo, nas indústrias predatórias, uma população pequena e um rico patrimônio natural, arquitetônico e étnico-cultural. E neste sentido várias instituições da administração pública e organizações do setor privado já se dedicam a este novo enfoque de desenvolvimento econômico, social e cultural em nosso Estado.



No final de setembro um novo equipamento cultural vai tornar o centro de Vitória mais atrativo e proporcionar à população mais opções de programação e atividades culturais: o SESC-Glória, defronte à Praça Costa Pereira. A cidade ganha um espaço importante no sentido arquitetônico com vocação para se tornar uma referência na vida cultural do Estado. Destaque para a abertura da exposição O Mundo Mágico de Escher, considerada por algumas revistas especializadas uma das exposições mais visitadas do planeta.



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

PABLO RODNITZKY
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

DIO

MIRIAN SCÁRDUA
Diretora Presidente

SAMIRA MASRUHA BORTOLINI KILL
Diretora Administrativa-Financeira

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

MAURÍCIO SILVA
Secretário de Estado da Cultura

JOELSON HUMBERTO FERNANDES
Subsecretário de Estado da Cultura

RITA DE CÁSSIA SARMENTO COSTA
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Produção de matérias

Gilberto Medeiros

Revisão

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)


Impresso na Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado
nos sites www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



HAIKAI

Marien Calixte



O muro tem cacos
de vidro. Mas o gato
alcança sem ruidos.

Bicando a água
a gaivota
é a baía de Vitória.

Silêncio e solidão
na varanda. Não há
largos no domingo.

Recompõe a lembrança
sons primevos.
Parques da infância.

Atlântico! Atlântico!
o cais é a casa
do mar.

Cheiro de mato,
sons na tarde
O avião é a cigarra.

Uma de cada cor
jogo-as no mar
dálíais de janeiro.

O minuto após
faz antigo o sulco
que se extrai agora

Marien Calixte, jornalista, pintor, poeta e escritor,
falecido em 25/12/2013
Extraídos do "Livro de Haikais" - Massao Ohno - 1990

CAPA

Filatelia: paixão

Filatelia é uma atividade que busca colecionar e classificar selos, cartões, envelopes e outros produtos postais, mas bem que poderia ser definida, também, como a forma de apaixonar-se por história, cultura e detalhes. Bastante praticada no passado, a atividade de selecionar os melhores selos para coleção atualmente é escassa. Dos cerca de 200 filatelistas cadastrados na Agência Filatélica dos Correios de Vitória, única do Espírito Santo, menos de 50 frequentam as atividades ali desenvolvidas.

Para Edson Grillo, arquiteto, professor universitário e colecionador, a nova geração deixou de valorizar ações que não estejam ligadas à tecnologia. “A juventude de hoje está envolvida no progresso tecnológico. Não quer saber do passado, pouco se importa com a história”, analisa.

Segundo Grillo, pai de Camilo Grilo e avô de Júnior Eduardo, de 11 anos, a paixão foi transferida para o filho, mas a mesma não impactou o neto. “A minha coleção conta com mais de 55 mil selos. Tenho selos de fauna, flora, trens, carros. O meu filho,

quando mais novo, era apaixonado. Hoje, com a correria do dia a dia, deixou um pouco de lado, mas o meu neto não liga muito”, conta.

“Abandonado” pelo filho, como ele mesmo brinca e preterido por eletrônicos pelo neto, o colecionador vive um caso de amor pelos “pequenos”, como ele apelida os selos: um amor que surgiu ainda muito cedo, em 1967. Na época, a arte de colecionar era tida apenas como um passatempo. Com o passar dos anos, o que era apenas um caso, virou namoro e posteriormente casamento, daqueles que duram a vida toda.

Para renovar o apreço pelo mundo de histórias e simbolismos da filatelia, os Correios mantêm o projeto ‘Correios nas escolas’, que utiliza o selo postal de maneira didática, para despertar o interesse dos alunos pela pesquisa, além de proporcionar a ilustração de trabalhos e integração social. A criançada interessada recebe orientações de como iniciar uma coleção de selos, como interpretar as informações contidas neles e como endereçar corretamente as correspondências.



Gilberto Medeiros é jornalista e blogueiro

Gilberto Medeiros

com a colaboração de Suellen Araujo

o que move corações e une gerações

Colecionador faz cada coisa...

“Colecionar selos não é uma atividade barata. Quando eu comecei, meu poder aquisitivo não era alto, e selos e materiais não são nada baratos. Já fiz muito sacrifício por um selo. Já deixei de viajar porque uma pessoa ia trazer um selo sob encomenda para mim. Resultado: a minha ex-mulher ficou o veneno, foi sozinha e eu continuo com o selo até hoje. Já com ela...”, diverte-se Edson Grillo ao recordar.

Assim como uma obra de arte, muitos investidores aplicam recursos na compra de selos difíceis e caros. No Brasil, por exemplo, os selos Olho de Boi, criados em meados do século XIX, são raros e possuem um alto valor financeiro, já que foram produzidos em pequena quantidade e só os mais sortudos e abastados podem possuí-lo.

Colecionador há meio século, o jornalista e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) José Irmo sabe bem como a atividade requer sacrifícios. Trinta anos atrás, para ajudar na aquisição de

um selo “tema orquídea”, com a impressão da cor deslocada, o jornalista se desprendeu da companheira de aventuras da juventude: uma barraca de camping.

Irmo, colecionador convicto desde o início dos anos 60, quando era apenas um aluno do Educandário Seráfico São Francisco de Assis, em Santa Teresa, relembra saudoso da época que os garotos duelavam pelas preciosidades.

“Vários colegas colecionavam. Disputávamos os selos das cartas que chegavam da Itália para os padres, na época nossos professores. Em 1964, fiz minha primeira aquisição numa casa filatélica de São Paulo”, afirma.

Se o selo é o objeto de coleção, as orquídeas fazem parte do tema preferido de Irmo. Como se existisse uma ligação direta entre o colecionar e o tema, o jornalista fala com delicadeza de sua coleção.

“Do tema orquídeas, tenho algumas variedades, tenho selos que saíram com defeitos. Esses são os mais raros e difíceis de encontrar. Tenho um interesse especial por um selo de 1946

(224, no catálogo RHM). Já consegui também provas de impressão desse selo, com e sem filigrana. E até um par de selos sem picote. Há também o selo com a impressão da cor vermelha deslocada”, gabou-se.

Mais do que beleza, os selos são cheios de conteúdos e informação. A paixão fervorosa dos colecionadores demonstram a pureza e alegria na realização da missão que necessita de tempo, amor, carinho e dedicação.

O panamenho Elígio Bonilha, radicado no Espírito Santo e dono de uma coleção com mais de 15 mil selos, recordou um episódio curioso vivido em família.

“Quando estive em casa, no Panamá, em 2004, meus pais, já falecidos há alguns anos, haviam deixado uma pequena coleção de selos que meu irmão guardava. Ele não tinha aumentado a coleção, e então quando retornei ao Brasil, trouxe comigo os selos. Tempos depois meu irmão perguntou se eu tinha levado os selos e falei que sim. Ele não ficou bravo, mas me disse que pensava continuar a coleção... Falei com ele, “bem, agora já era...”, divertiu-se. ■

CAPA

Tipos de Selos Postais

Selos são pequenas estampilhas adesivas, geralmente de papel, utilizadas para comprovar o franqueamento de objetos postais ou o pagamento de prestação de serviços postais. Eles são ilustrados com motivos de cunho artístico e cultural alusivos a temas específicos, razão pela qual se tornam peças de colecionamento muito procuradas e de alto valor agregado.

Para ser reconhecido internacionalmente, todo selo emitido precisa ter o seu Edital, uma espécie de "Certidão de Nascimento" em que estão detalhadas todas as características da emissão.

Selo Comemorativo: Selo postal de tiragem limitada, alusivo a comemoração de data de destaque no segmento sociocultural, com repercussão nacional ou internacional. O prazo de comercialização é pré-determinado e o prazo de circulação indefinido.

Selo Especial: Selo temático não relacionado a comemorações de eventos específicos, voltado à demanda filatélica nacional/internacional, com tiragem limitada, prazo de comercialização pré-de-

terminado e circulação indefinido.

Selo Regular: Também conhecido como selo ordinário, selo definitivo ou selo permanente, trata-se de emissão não comemorativa, com tiragem ilimitada e prazo de comercialização indeterminado e circulação indefinido. São normalmente auto-adesivos, apesar de existirem modelos gomados.

Selo Promocional: Selo destinado a estimular a divulgação de idéias, fatos ou campanhas promocionais específicas, em âmbito nacional, sem caráter comemorativo, idealizado pelos Correios ou em parceria com outras instituições. Pode ser pré-taxado, ou seja, valor adicional não vinculado à emissão e nem ao serviço postal. Depende de autorização do Ministério das Comunicações e a renda gerada é repassada da ECT para a instituição parceira.

Selo Personalizado: Selo destinado a estimular a divulgação de idéias, fatos ou campanhas promocionais específicas, em âmbito nacional, sem caráter comemorativo, idealizado pelos Correios ou em parceria com outras instituições. Pode ser pré-taxado, ou seja, valor adicio-

nal não vinculado à emissão e nem ao serviço postal. Depende de autorização do Ministério das Comunicações e a renda gerada é repassada da ECT para a instituição parceira.

Fonte: Correios 



Especial



Promocional



Personalizado



Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

O valor da amizade selada



Comemorativo



Regular



Divulgação Ascom/Correios



Se no amor e na guerra vale tudo, na paixão pelos selos a máxima é aplicada na sua totalidade. No caso de Elboni Gonzalez, chileno residente no Brasil há 20 anos, a paixão pelas pequenas estampilhas o fez encurtar distâncias, ganhar um amor brasileiro e perder um carro. Parece história de novela? Para o colecionador, é apenas um pequeno capítulo de uma grande trama.

“Eu sou um apaixonado por selos. Meus filhos e a minha esposa sabem disso. Não adianta disputar lugar. Entre uma peça de teatro, um passeio ou um restaurante, se o dinheiro tiver que ser optado entre um selo, eu não vou nem pensar. Com certeza o selo ganhará”, conta Gonzalez.

Para entender essa miscelânea, é preciso voltar ao ano de 1994. Um jovem recém-formado em Direito, morador da cidade de Temuco, herda do avô a paixão por selecionar, pesquisar e colecionar selos. Sem temas definidos, o desejo do momento é apenas ter o selo alusivo à Copa do Mundo. Apesar de o ano corrente ser calendário do torneio mundial, o jovem deseja mais: a ambição é o selo da Copa de 1974.

“Naquela época não era como hoje, tudo fácil, a apenas um clique. Era preciso muito esforço para conseguir qualquer coisa”, diz.

Esse esforço não faltou a esse determinado chileno. Foi por intermédio de um amigo, que, no período, trabalhava em uma empresa aérea, que Gonzalez soube de um brasileiro que morava em Santiago, no Chile, que também colecionava selos e poderia ajudá-lo com possíveis informações sobre como encontrar a raridade.

Obstinado, o novo advogado fez contato com o brasileiro, que tempos depois viraria amigo para toda sua vida, jornada separada pela inevitável morte do amigo. “Eu não quis saber de nada. Em Tamuco, apenas minha mãe me prendia. Sempre quis ganhar o mun-

do, a vida e os selos. Peguei o contato e fui a Santiago. Nunca mais voltei para Tamuco. Conheci Jorge, comprei o selo e ganhei um irmão”, recorda-se.


O valor do selo? Gonzalez não revela. “A alegria em tê-lo foi maior do que qualquer valor. Mas coloca aí que me custou alguns piscos (bebida chilena)”, disfarça.

A saga do advogado, engajado e colecionador não para por aí. “Depois de ter conhecido Jorge, morei em Santiago. Dividimos por cerca de seis meses uma pensão. Até que um dia ele me fez a proposta de morar no Brasil, em São Paulo. Sempre escutei falar do Brasil, acho que o meu amor pelo selo de 1974 me contagiou e eu aceitei”, brinca.

No Brasil, Gonzalez fez a vida. Aperfeiçoou-se na profissão, casou com uma brasileira, teve filhos e um carro. Além da paixão por selos, o chileno diz ser fã de veículos antigos. E a paixão pelos selos entrou em xeque justamente neste outro objeto que divide espaço no coração do advogado.

“Eu consegui comprar um Ford Galaxie, que era uma vontade antiga. Até que um dia, durante uma exposição de carros antigos, um colecionador de selos, que compartilhava a paixão pelos automóveis, me propôs uma troca. Eu daria o meu Galaxie 67 e, em troca, receberia o selo “Scinde Dawk”. Era uma proposta tentadora levando em consideração a história do Scinde”, relembra.

E o que Gonzalez fez? De acordo com o apaixonado, as fotos do veículo servem para matar a saudade. “Era uma chance única. Meu coração sempre vai falar mais alto quando for sobre selos. Meu avô colecionava. Minha coleção tem mais de 90 mil selos. É um amor de verdade”, revela.

De tão incrível e envolvente, quem sabe a história do chileno que se considera metade brasileiro não vira um selo de uma série de filatelistas apaixonados?! 

CAPA

Ao revelar que a Rota Imperial vai ganhar selos especiais em breve, o diretor regional dos Correios no Espírito Santo, Rafael Carpanedo Fiorio, destacou que a empresa mais antiga do Brasil mantém várias parcerias com o governo do Estado para a promoção da cultura.

“Estamos dialogando para um lançamento de selos itinerante nos pontos da Rota Imperial, mas somos parceiros no Palácio Anchieta e outros monumentos históricos. A filatelia é o instrumento usado pelos Correios para fazer essas divulgações culturais, sociais, esportivas que é muito gratificante. Lançar um selo é uma marca muito positiva”, avaliou.

Contabilizando mais de 20 milhões de filatelistas espelhados pelo mundo, Carpanedo relatou recente lançamento para celebrar 85 anos de atividades da fábrica de chocolates Garoto, instalado no bairro da Glória, em Vila Velha.

“Foi muito bacana, veio o presidente da empresa para a América Latina e a fábrica foi parada. E parar uma fábrica e seus equipamentos não é como uma lâmpada que a gente acende e apaga, é uma coisa grandiosa, fantástica. Estavam lá todos os funcionários assistindo, aplau-

dindo, foi emocionante”, recor-
dou.

Outros exemplos são as homenagens aos 75 anos da Cooperativa de Laticínios Selita, de Safra, em Cachoeiro de Itapemirim; os 100 anos de cultivo do café conilon e os 450 anos do Convento da Penha. E o Diário Oficial do Espírito Santo ganhou selo ao completar 120 anos.

Para demonstrar o poder de representatividade que os selos têm para as comunidades homenageadas ou envolvidas, o diretor regional dos Correios revelou que representantes do município de Anchieta levaram de presente para o Papa Francisco uma cartela de selos lançados para homenagear o então beato que virou santo.

“Quando lançamos aqui no Espírito Santo o selo do petróleo pré-sal, até o presidente da República participou. Quem sabe no próximo lançamento a gente traz o Papa?”, brincou Carpanedo. ■

Rota Imperial vai ga



Diretor regional dos Correios



Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

nhar selos especiais



Divulgação Ascom/Correios

os recordou a cerimônia de obliteração do selo comemorativo pelos 450 anos do Convento da Penha



CAPA

Mercado da filatelia movimentada colecionadores capixabas

Apesar de ser um segmento de negócios rentável, a atividade de colecionar selos no Espírito Santo reúne apenas cerca de 200 capixabas cadastrados na Agência Filatélica dos Correios de Vitória, revelou a gerente Neusa Maria Barbosa Wetler. Pouco menos da metade é de filatelistas ativos, que frequentam a agência e participam de sua programação.

Ao mesmo tempo, mais de 80% dos estandes do 1º Encontro Nacional de Multicolecionadores, ocorrido em maio no Estado, eram sobre filatelia.

O perfil da maioria dos filatelistas é de meia-idade, mas o projeto 'Correios nas Escolas' leva para estudantes informações sobre o colecionismo e os serviços postais, na tentativa de envolver as crianças.

Para encerrar, ensinou sobre a cerimônia de obliteração de um selo, que é realizado quando é lançada essa peça filatélica com a participação de autoridades e convidados.

Caderno D - Como está hoje o mercado de filatelia no Espírito Santo?

Neusa Maria Barbosa Wetler - Hoje nós temos cadastradas duzentas pessoas, mas que fre-



'Olho de Boi' foi o primeiro selo brasileiro, lançado há 171 anos

quentam a Agência Filatélica é 45% disso. Muita gente agora compra via internet, outros deixam acumular os lançamentos e vêm fazer sua compra uma vez por ano. Mas eles ficam ligados pela internet, todos os lançamentos são publicados em nosso site (www.correios.com.br) e nas páginas mantidas pelos comerciantes filatélicos e casas filatélicas espalhadas pelo Brasil.

Nós temos casas filatélicas?

O segmento de negócios é rentável, mas infelizmente no Espí-

rito Santo não temos casas filatélicas. Temos a Agência Filatélica dos Correios no Espírito Santo, mas aqui são comercializados selos mais recentes, peças filatélicas como envelopes, cartões postais lançadas há pouco tempo.

Mas o Estado é movimentado ou a prática está acabando?

Para você ter uma ideia, este ano ocorreu em Vitória o primeiro Encontro Nacional de Multicolecionadores e 80% dos estandes eram de filatelistas. E veio gente de outros Estados, do Sul do País, Nordeste e Sudeste. Foi em maio.

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

Divulgação Ascom/Correios

Como é o perfil dos filatelistas do Espírito Santo?

O perfil da maioria é de meia-idade. Apesar de mantermos o projeto 'Correios nas Escolas' para desenvolver o colecionismo, ensinar a história do selo e da comunicação. Ali a gente aproveita para ensinar o uso correto do serviço postal.

Temos coleções importantes?

Sim, temos um filatelista chamado Carlos Henrique Menezes que tem uma coleção chamada Micróbios em Ação e, por meio das peças filatélicas, ele relata toda a trajetória de um micróbio. Já foi para fora do País e tem premiação internacional. Entre suas peças, há um envelope que foi enviado à Casa Branca contaminado com antraz. O envelope foi desinfetado e ele conseguiu para sua coleção.

Como é o lançamento de um selo?

Toda vez que os Correios lançam um selo, é feita uma cerimônia com autoridades, como parlamentares, o governador do Estado, já participou o presidente da República. É a cerimônia de obliteração do selo, é muito bonita, dá notoriedade ao selo. ■



Agência Filatélica de Vitória organiza eventos para colecionadores, estudantes e lançamento de selos especiais

CONTO

Pior do que

dança

Para Jesuíno

Quando começou a namorar aquela italianinha, ainda tragava uns goles com vontade. Juntos, difícil era o dia em que não tomavam meia-dúzia de geladas depois do trabalho, comemorando o namoro, o fim do dia, qualquer dessas pequenas coisas a que os namorados, em seu enlevo, costumam dar tanto valor.

Mas deixar de beber já fazia parte dos planos dele, fazia tempo. Primeiro, porque quando bebia cumprimentava inimigos, coisa de que depois também não se lembrava mas que ficava sabendo a partir de relatos de amigos fiéis, dos quais não tinha como duvidar. Temia acabar levando um tiro. Também já andara parabenizando viúvas em velórios, o que é claro lhe valera enormes constrangimentos e até mesmo ameaças de ser expulso de cemitérios, lugar onde todo mundo, por mais defeituoso que seja, costuma ser bem-vindo.

A isso somavam-se outras ra-



Tavares dias é jornalista e escritor

Tavares Dias

tavaresdiasjorn@gmail.com

Ar com irmã

zões. A mais delicada delas era uma certa carência afetiva que costumava vazar por entre as brechas que o álcool lhe produzia no superego. Por conta da tal carência, às vezes desconhecia certos limites e pegava-se cortejando descaradamente boas amigas, companheiras de caríssimos amigos seus. A resaca moral, no outro dia, era enorme. Sem contar aquele sino batendo dentro da cabeça, o conflito entre os compromissos e a necessidade orgânica de mais umas tantas horas de sono. Não dava mais.

Um dia, sentindo-se forte o suficiente, deu o grito de independência.

Removeu de casa tudo que o fizesse lembrar da bebida e preparou-se para a guerra. Não se sentia um dependente, mas precisou mudar de turma, pra conseguir bancar a decisão, o que mexeu muito com ele. Foi tocando. O que matava era a saudade de empunhar o copo durante as

conversas, o reflexo condicionado. Por sugestão de um amigo, começou a tomar cerveja sem álcool.

Época de Natal, lá vai ele de viagem para o interior, casa dos futuros sogros, conhecer a família dela. Meio cabreiro. Fazer o que? E sem beber, ainda por cima. Paciência. No quintal dos sogros, depois de estacionar e ser apresentado, aquela cena meio sem graça, volta ao carro para pegar suas coisas. Desce de lá, minutos depois com sua caixinha de isopor, uma latinha na mão, já aberta.

-O que é isso? - pergunta o sogro, meio mamado de vinho.

-Cerveja sem álcool - responde, meio sem graça. -O senhor aceita uma?

Péssima ideia. O italiano estica os olhos e o nariz para a latinha, dá uma cheirada, e lasca, pra deleite de trinta e cinco irmãs e setecentos primos: -Não senhor. Muito obrigado. Isso deve ser pior do que dançar com irmã. ■

MINHA ESTANTE / RUBENS GOMES

O hábito e o prazer da *le*

Rubinho Gomes aprendeu a ler em casa, antes de entrar para o curso primário na Escola “Sagrado Coração de Jesus”, no Parque Moscoso, onde desenvolveu o prazer de ler com as professoras Odete Semprini e Mariazinha Simões. Quando chegou ao Ginásio Experimental do Colégio Americano, já no começo dos anos 60, engrenou na leitura de seus preferidos de então.

Jornalista há quase 50 anos, ele recorda para ‘Minha Estante’ seus autores prediletos, os livros que marcaram sua vida e as influências que carregou para seu texto, além de listar obras relevantes para sua formação.

“Li Monteiro Lobato completo, Jorge Amado inteiro, Machado de Assis, José de Alencar, Guimarães Rosa... Depois engatei nas aventuras de Julio Verne, li Robinson Crusoe, Robin Hood, A Divina Comédia, Os Lusíadas, Aventuras de D. Quixote, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Drumond e Vinicius de Moraes”, recordou.

Paralela aos livros, outra paixão de Rubinho eram os gibis. Lia de tudo, dos personagens da Disney até os Peanuts, de Schulz. Sem deixar o desbunde das criações de Roberto Crumb até os clássicos do Will Eisner e o catecismo de Carlos Zéfiro. “Quadrinhos foram fundamentais para minha formação”, reconheceu.

Mais recentemente Rubinho leu “com enorme prazer” o livro ‘Matal’ de Leonêncio Nossa, sobre a guerrilha do Araguaia, além da biografia de Marighela, e ‘Memórias de Uma Guerra Suja’, de Rogério Medeiros e Marcelo Netto.

Dom Quixote de La Mancha - Miguel de Cervantes Y Saavedra

As aventuras e desventuras do Cavaleiro da Triste Figura foram marcantes em minha adolescência, contribuindo muito para minha formação como leitor e futuro jornalista. Realmente trata-se de uma obra fundamental que revela os tortuosos caminhos que todos percorremos ao longo da vida. São muitos os moinhos de vento que temos que enfrentar pelo caminho todos os dias...

Macbeth, Otelo e Hamlet - William Shakespeare

A leitura de Shakespeare para mim despertou enorme interesse pelo teatro, e acabei assistindo diversas montagens de espetáculos baseados em sua obra. O ‘To be or not to be, that’s the question’ até hoje é uma questão vital para o ser humano, mesmo decorridos mais de 400 anos da morte do autor.

Vinte Mil Léguas Submarinas - Julio Verne

A obra de Julio Verne escrita no século 19 me fascinou como a todos os jovens adolescentes de minha geração nos anos 50/60. Em Vinte Mil Léguas Submarinas, o capitão Nemo consegue criar o Náutilus, um submarino completamente autônomo do meio terrestre, movido somente a eletricidade. A tripulação vive somente do que o mar lhes dá: a comida, e a matéria prima que necessitam para a produção de energia.

Reinações de Narizinho - Monteiro Lobato

A obra completa para crianças e também para adultos fizeram parte das primeiras leituras de minha vida. Meu pai comprou as duas coleções que foram de-



Gilberto Medeiros é jornalista e blogueiro

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

itura

terminantes para que eu aprendesse a escrever e fizesse uma base cultural, juntamente com outra coleção inevitável na época que era o Tesouro da Juventude, uma enciclopédia para o público infant-juvenil. Todas as aventuras da turma do Sítio do Picapau Amarelo marcaram minha formação, e na sua coleção para adultos destaco O Presidente Negro, onde ele antecipa a eleição de Barack Obama nos Estados Unidos ainda nos anos 40, quando eram recentes as marcas da guerra civil racista nos EUA.

O cavaleiro da esperança e a obra completa de Jorge Amado

Ganhei do meu pai as obras completas de Jorge Amado, incluindo uma edição especial de O cavaleiro da esperança (biografia de Luiz Carlos Prestes, com ilustrações de Cândido Portinari), Terras do Sem-Fim, São Jorge dos Ilhéus, Capitães de Areia, posso destacar, mas li mais de uma vez cada um dos livros e depois fui completando a coleção assim que ele lançava novos livros como Dona Flor e Seus Dois Maridos, Tenda dos Milagres, Tieta do Agreste, Gabriela, Cravo e Canela e Teresa Batista Cansada de Guerra.

Rubem Braga


Ai de ti, Copacabana, A Cidade e a Roça e os Três Primitivos, A Traição das Elegantes, Crônicas do Espírito Santo (Coleção Letras Capixaba), As Boas Coisas da Vida, O Verão e as Mulheres, 200 Crônicas Escolhidas, e toda a obra do cachoeirense-capixaba Rubem Braga. Tenho orgulho de ter recebido dele uma dedicatória assim: "Ao Rubinho, com um abraço do velho Rubão". 



Foto: Erika Nalin



Colheres de bambu
de Alvaro Abreu. Vitória/ES
Foto: Vitor Nogueira
contato@vitornogueira.com